

## Arte e pandemia: enfrentamentos com a noção de realidade

Ricardo Alexandre Rodrigues

[rodriguesufrj@gmail.com](mailto:rodriguesufrj@gmail.com)

<http://lattes.cnpq.br/1391609841683425>

### RESUMO

A proposta de reflexão que se desdobra neste texto tem como ponto de partida as inquietações causadas quando os esquemas habituais de percepção e organização da realidade são interrompidos. Acontecimentos inesperados ou planejados deliberadamente podem impactar nos modos de ver, sentir, organizar e interagir no mundo. Na abrangência desse entendimento, as medidas de combate à pandemia do covid-19 e as manifestações artístico-poéticas foram apontadas como eventos (cada qual com seus efeitos e desdobramentos) capazes de fazer repensar os limites do possível. O que permite o atravessamento de ideias e reflexões nesses apontamentos é o interesse de estender pensamentos sobre os modos de percepção e de abordagens para dar sentido às experiências.

**Palavras-chave:** arte; semiótica; prosa de mundo.

“Toda poesia é também uma espécie de pedido de perdão”  
(Guimarães Rosa)

A ameaça de contágio generalizado por um vírus letal impôs a interrupção dos esquemas habituais armados para administrar as dinâmicas sociais, ordenadas a partir das referências de pessoa, de tempo e de espaço. Esses esquemas regulam as formas de sociabilidades legitimadas e compartilhadas como “normalidade”. Mas, à medida que a “ordem natural das coisas” tornou-se inoperante, a paisagem das metrópoles foi se transformando e novas demandas instauraram-se. Como efeito, foi urgente repensar os deslocamentos dos corpos, rever as relações com as pessoas, lugares e objetos. A partir daí, perspectivas diferentes sobre a realidade habitual foram emergindo, trazendo a reboque o imperativo de reavaliação das instâncias do humano, como a imaginação, a criatividade e as artes.

Em meio às restrições de circulação necessárias para preservar vidas, assistimos outros regimes de sensibilidade ganharem lugar nas dinâmicas sociais. Afetados pela interrupção de atividades rotineiras, passamos a observar e analisar antigos hábitos que

julgávamos familiares, a fim de criar alternativas. Do mesmo modo, começamos a notar nos objetos e nos espaços estruturas e funções que antes ficavam despercebidas, não porque eram supérfluas, mas justamente porque tais estruturas e funções cumpriam com propósitos para os quais foram destinados. Surpreendentemente, pessoas, objetos e lugares passaram a nos causar perplexidades, não por serem excêntricos, mas porque eram óbvios.

A notícia da pandemia impactou drasticamente modos de ser, sentir, agir, pensar e fabular. Foi urgente rever contratos, códigos de condutas, regras de comportamentos que organizavam o lugar comum do visível, do pensável e do possível. E, como efeito, o sentimento de desamparo nos comoveu a buscar alternativas que, até então, eram consideradas pouco prováveis, embora estivessem disponíveis a todo o momento. Em meio a tais conjecturas, fica latente a ideia de que, às vezes, eventos fora do programa podem afetar a sensibilidade atrofiada, para em seguida dar visibilidade ao não-percebido.

Essa passagem compulsória para outro regime de sociabilidade, que de início tem sido chamado de crise e declínio, pode levar a outras reflexões e desdobramentos de ideias. Ao criar alternativas que vão além do imediatismo dos conceitos e da função, tornou-se flagrante a multiplicidade dos pontos de vista, como também nos forçou a produzir um registro dos ausentes na sociedade. Junto disso, a interrupção e deslocamento de funções deixam expostos a fragilidade e o artifício daquilo que ficou agora subentendido como “regime de normalidade”, mas que antes não precisávamos descrever nem pensar sobre uma ordem que parecia autônoma e natural. A popularização da expressão “novo normal” (para se referir ao contexto pós-medidas emergências no combate à pandemia) reacendeu a tensão no debate sobre a ilusão de homogeneidade que se projetava sobre a realidade, viabilizando assim que outras histórias e perspectivas pudessem aparecer.

É a partir dessa necessidade de improvisar outros regimes de sensibilidade, onde se armam circuitos alternativos de associações e de produção de significados, que se propõe pensar a arte ou um dos efeitos que ela nos causa. Ao fomentar aberturas para regimes alternativos de sentido, seja pela suspensão, seja pela insubordinação, seja pela

interrupção da ordem convencional, esse evento que habitualmente chamamos de arte nos impulsiona para ligações mais potentes com as pessoas e as coisas no mundo.

A resignificação dos espaços, a mudança de perspectivas sobre os objetos, alterações na relação com o tempo, tudo isso aparece entre os muitos efeitos (alguns trágicos) causados pela interrupção dos circuitos habituais de interpretação e significação, que eram operados automaticamente, mas tiveram que ser repensados em algum momento. No horizonte dessas reflexões sobre pessoas, lugares e objetos, provocadas a partir de alterações na “ordem natural das coisas”, podemos vislumbrar também o efeito causado pelas artes, como as composições de Arthur Bispo do Rosario (1911-1989), ao apresentar o mundo dos esquecidos, dos ausentes, dos sem lugar.

Ponderar os desdobramentos provocados a partir da transgressão ou inoperância das operações convencionais de leitura e significação do mundo, de um modo bem peculiar, nos aproxima do debate em torno de algumas referências de arte em nossa sociedade. Por meio de um evento deliberadamente produzido no corpo da linguagem, a proposta de arte que mobiliza grande público em nossa contemporaneidade é aquela que interrompe esquemas interpretativos para forçar a especulação de outras conexões, buscando negociações de sentido entre o que impressiona as ideias e o repertório de mundo. Dentro dessa perspectiva, o evento artístico provoca desdobramentos de narrativas, viabiliza o aparecimento de diferentes versões, novos enredos, maneiras alternativas de contar. Como efeito, faz expandir a noção do que é possível.

É importante ressaltar que essa provocação do olhar instaurada pelas artes, de um modo geral, não aparece mediada pela busca de um significado triunfal, tributo de uma complexidade de códigos enigmáticos. Muitas vezes, somos tomados pela desconfiança de sermos vítimas de um engodo, pois não há indicativo de que determinadas composições nos levarão a algum lugar. Talvez, não estejamos errados quanto a isso: as artes que movimentam a cena cultural em nossa contemporaneidade não nos propõem levar a um lugar determinado. Mas, diferente disso, elas nos tiraram do lugar, nos desalojam da zona de conforto, de onde nos habituamos a ver e significar o mundo. E, sem darmos por conta, ficamos perplexos a nos perguntar sobre os aspectos que despertaram a necessidade de interpretar e imprimir um sentido para o que vemos. É

possível, então, que uma qualidade das artes que agitam a cena cultural seja esta: fazer pensar a respeito fabulação de um nexos para as ideias e afetos, isto é, indagar sobre o imperativo que faz criar mentalmente realidades complexas, particulares e singulares.

Esse estado de suspensão, vivenciado em tempos de pandemia, despertou novamente a perplexidade dos “claros enigmas” dados a ver na poesia de Drummond que nos lembra a simplicidade das coisas complexas, assim como a complexidade das coisas simples. No imperativo de rever o mundo em busca de alternativas de sociabilidades, foi necessário prestar conta com pessoas, lugares e coisas negligenciadas. Em inúmeros casos, foi inevitável o enfrentamento com a realidade, dolorosamente. Para muitas pessoas, foi também a oportunidade de rever arquivos, objetos guardados, artigos abandonados, espaços ociosos, lembranças adormecidas... Nisso aparece outra lição de poesia, aquela que nos revela o descuido do olhar que abrevia as grandezas do mundo e dos seres existentes nele. “Toda poesia é também uma espécie de pedido de perdão”, escreve Guimarães Rosa (ROSA, 2009, P.93). É por essa via de entendimento e prestação de contas que podemos ler a arte feita em casa no período de reclusão compulsória como, por exemplo, a produção de fotografias que flagram o reencontro com objetos esquecidos, na redescoberta de ângulos e sombras.

De um modo bem peculiar, tais reflexões ganham expressividade e aprofundamento nos arranjos construídos por Arthur Bispo do Rosario, na missão de apresentar o mundo a Deus. Foi seguindo ordens divinas para fazer uma apresentação do mundo que Bispo compôs sua obra e tornou-se um dos expoentes das artes. Em suas obras foram apresentadas novas performatividades para o material cotidiano e familiar, dando forma a um compêndio de redescobertas e encantamentos com o mundo. São arranjos, esculturas e instalações com miudezas em geral deslocadas de sua função no mundo social: canecas, latas, garrafas, embalagens, tecidos, peças do vestuário, papéis, plásticos... Por meio de rearranjos de objetos encontrados no seu dia-a-dia, Arthur Bispo do Rosario construiu narrativas insólitas onde são apresentados novos enredos para cada objeto relacionado.

Diante de composições como as de Bispo do Rosario, o olhar é confrontado por imagens que parecem, ao mesmo tempo, familiares e intrigantes, conhecidas e estranhas.

São arranjos marcados pelo encadeamento de objetos variados e diversificados que dão visibilidade ao cotidiano que os olhos não veem: as transfigurações de adornos, as percepções alteradas dos traços, as fantasmagorias da repetição... Elas revelam tensões em uma realidade, das quais nem suspeitávamos. As reflexões propostas aqui giram em torno do impacto criado por uma prática de composição que faz pensar as fronteiras presumidas entre o prosaico e o poético, o real e a ficção, a arte e a não arte, a normalidade e o estado de exceção das coisas – inquietações que voltam à tona no cenário de pandemia.

As imagens compostas por Bispo reacendem provocações nesse contexto de pandemia, em que vemos se desmontar o lugar-comum da percepção. Com a interrupção inusitada dos circuitos habituais de pensamentos e ações, composições como as de Bispo ilustram bem o imperativo de novos esquemas de leitura e novos conceitos, conseguidos a partir de empréstimos, apropriações, ressignificação e atualização dos esquemas antigos. É urgente sair do automático, do programado, arriscar alternativas e apostar em outras sensibilidades para construir respostas que tenham impacto nas dinâmicas sociais.

Antonio Candido, ao discorrer acerca da importância da literatura na sociedade, nos lembra de que uma das propriedades das composições poéticas tem como efeito nos apresentar alternativas de estabelecer um nexos para sentimentos e pensamentos, e, dessa maneira, organizar a visão que temos de mundo (CANDIDO, 2004, p.177). Estendendo essa via de reflexão, podemos apontar também nas artes – em especial nos arranjos de Bispo – contribuições para redesenhar percursos de construção de sentidos, quando os circuitos habituais de interpretação e significação ficam inoperantes.

Na obra de Bispo, uma leitura comportada não alcança ou não potencializa a expressividade do material poético. Algo semelhante também é vivenciado nas demandas surgidas em situação de pandemia. Tanto no cenário reconstruído por Bispo, quanto nos cenários reformulados fatalmente pela pandemia, é flagrante que interferências na ordem convencional impactam de maneiras diferentes o olhar, fazendo com que ele se desloque em buscar de envergaduras e perspectivas com intuito de reestabelecer a produção de sentidos para as experiências.

A pesquisadora Lúcia Teixeira (UFF), articulando reflexões sobre processos semióticos e as envergaduras do olhar que se desloca pela cidade, pontua referências de uma teoria que elabora possibilidades de compreender acontecimentos que mobilizam a percepção contra a monotonia e opacidade das coisas familiares. Dentre as referências elencadas por Teixeira (2004), destacam-se dois conceitos introduzidos por Greimas, “fratura” e “escapatória”, que podem contribuir para estender nossa compreensão acerca de eventos que acionam regimes de sentidos alternativos.

Na abertura do livro “Da imperfeição”, Greimas (2002) anuncia os pressupostos a partir dos quais desenvolve os conceitos de “fratura” e “escapatória”. Começando a estender sua linha de pensamento, o autor assinala que nossa relação com o mundo é mediada por um “parecer” que organiza e imprime sentido para tudo aquilo que afeta a percepção. O “parecer” a que ele se refere pode ser entendido como precipitação da necessidade de instaurar uma lógica diante da perplexidade com o mundo. Justamente por isso, pode-se dizer que a experiência com as coisas no mundo acontece de maneira abreviada, parcial e incompleta. Tais ideias são reiteradas nas palavras de Greimas: “Todo parecer é imperfeito: oculta o ser; é a partir dele que se constroem um querer-ser e um dever-ser” (2002, p.19).

Esse é o ponto de partida pelo qual Greimas investe observação e pensamento sobre a experiência semiótica que afeta o olhar e desencadeia possibilidades de negociar sentidos. É na extensão dessa via que Teixeira (2004) nos lembra dos conceitos de “fratura” e “escapatória”, os quais podem ser lidos e articulados aqui como operações que interferem na linearidade do olhar, causando acidente no percurso automático de identificação das coisas. Dito assim, o conceito de “fratura” denota ideias relacionadas a uma ruptura súbita, quebra de expectativas, desvio do trajeto programado, descontinuidade abrupta de um circuito habitual etc. De imediato, a fratura também instaura, conseqüentemente, a urgência de improvisos, realização de emendas, especulação de caminhos alternativos, tal como vivenciamos quando os esquemas rotineiros saíram do modo automático, por causa das medidas de confinamento para combater o avanço da pandemia.

Acionado pela necessidade de reestabelecer o funcionamento e manutenção da ordem, é comum que o olhar passe a operar em estado de alerta, cotejando e confrontando os antigos esquemas; observando com atenção arranjos e detalhes que passavam despercebidos porque cumpriam a função para a qual foram criados. Como efeito desse enfrentamento com realidade, expande-se a produção de conhecimentos sobre o mundo.

Merece também ser examinado o estado de alerta que aciona o olhar para restaurar o funcionamento de um regime de sentido já instituído. Fala-se aqui de uma resposta automática encarregada de colocar em andamento formas ortodoxas de perceber e estabelecer sentidos, a partir de referenciais internalizados. O mundo, tal qual o conhecemos, depende de dispositivos ortodoxos que garantam seu funcionamento. Mas, como sabemos, isso não seria possível sem a diluição e o silenciamento de qualquer variação, para garantir uma trama do mundo homogênea e monótona, isto é, de apenas um tom. Assim, em função da urgência de incorporar variações, prestam serviço os rótulos e as classificações que hierarquizam as experiências. Empregados “espontaneamente”, os rótulos (tais quais: o diferente, o excepcional, o exótico...) continuam confirmando e preservando o imperativo de uma regra, homologando uma ideia de normalidade e legitimando uma ortodoxia.

Todavia, no trabalho com a linguagem artístico-poética arma-se uma espécie de logro, cujo resultado é o embaraço, utilizando como base a reação automática do olhar em busca de um sentido, de uma contextura, para aquilo que afetou a percepção. Isso é flagrante, por exemplo, nas construções inusitadas de Farnese de Andrade que instigam a percepção e potencializam a articulação de significados, mas desarmam os circuitos convencionais. Como efeito da armação de suas esculturas, provoca-se o desamparo do olhar e o desencadeamento de ideias, fazendo o expectador render-se ao regime alternativo de sentidos.

Voltando aos conceitos de Greimas, aos quais Teixeira (2004) recorre para estudar a experiência da percepção, a “escapatória” nos chama atenção sobre eventos responsáveis por desviar o olhar para fora do circuito programado, rompendo com a monotonia. Contudo, os eventos que fazem o olhar escapar se articulam e ganham

impulso a partir do recurso da repetição e reprodução, que bem servem ao sistema na manutenção da “ordem natural”.

O conceito de “escapamento” denota movimentos que forçam a outras envergaduras do olhar, mesmo quando diante um cenário conhecido e habitual. Como efeito, criam-se instantes de particularidades, pois as escapatórias capturam o olhar, conduzindo-o numa manobra de interiorização e, assim, estabelecendo outros nexos para as coisas familiares. São as palavras de Teixeira (2004) que inspiraram tais reflexões: “As escapatórias estão no mundo prosaico, nas pequenas coisas que perderam o sentido e podem ser ressignificados pela ação do sujeito” (2004, p.04).

Na extensão dos arranjos de Bispo, é possível identificar articulações que desencadeiam o olhar para fora do circuito habitual de percepção, desviando-o para outros regimes de sentido. Cumprindo a missão de apresentar o mundo no dia do juízo final, Bispo compôs “vitrines” que expunham objetos prosaicos, algumas vezes, arrumados numa sequência onde se repetia um mesmo item, como colheres ou canecas, por exemplo. Em outras “vitrines”, Bispo também diversificou os artefatos expostos: abridor de garrafas, colher, chaveiro, peças de fogão, dentre uma série de objetos cuja conexão não está predeterminada. Nessas composições, tudo é rapidamente identificado pelo olhar. Entretanto, apesar de não ter segredos, já que cada coisa é aquilo que se apresenta, essas arrumações despertam suspeitas e conduzem o olhar por outras percepções.



Arthur Bispo do Rosário

Vitrine em exposição na 30ª Bienal de Artes. São Paulo. 2002. Detalhe. (RODRIGUES, 2014, p.98.)

Observando da imagem acima, tudo parece ser tão óbvio e, ao mesmo tempo, tão obtuso. O olhar passa a esquadrihar cada objeto e seus adornos na tentativa de encontrar uma lógica que justifique tal composição. Tais arranjos põem o olhar a se perder no vislumbre de detalhes e deixam-no imerso num outro regime de sentidos, escapando do circuito pragmático, sem se dar conta disso.

Esses arranjos instauram estâncias de contemplação prazerosa que surgem da disposição inusitada dos objetos. De maneira ambígua, suas vitrines apresentam este mundo convencional, ao mesmo tempo em que revelam outros. Quando o olhar se defronta com objetos estranhamente familiares, pode dizer que se estabelecem operações de reconhecimento, abandono e salvação (sem que isso indique um programa de leitura ou descreva um processo onde uma operação seja pré-requisito de outra). Tendo em vista os arranjos de Bispo, a operação de reconhecimento dos objetos não encerra uma experiência visual, uma vez que, a partir daí, abrem-se vias alternativas para explorar complexidades de linhas, matizes de cor, texturas... Estas são algumas aberturas por onde o olhar escapole e percorre as superfícies das coisas, enquanto se especula outros nexos, salvando-as de serem abreviadas pelo conceito ou pela função utilitária.

Nessas reflexões, sobre a palavra nexo iluminam-se duas possibilidades de entendimento que coexistem sem concorrem entre si: serve tanto para apontar as relações de significado entre um termo e outro, indicando uma lógica responsável pela linearidade de pensamento e garantia de entendimento; como também serve de sinônimo para as formas de conexão, de encadeamento e ordenação. Por assim dizer, pensar a respeito do nexo entre as coisas, os seres e acontecimentos envolve o exame das formas e das forças que estabelecem encadeamentos, a fim de criar uma versão de mundo, uma representação, um “parecer”.

Seja na “fratura” causada pela pandemia nos circuitos convencionais das dinâmicas sociais, seja pelas “escapatórias” por meio das repetições nos arranjos de Bispo, ficamos com a lição de que, na suspensão dos esquemas habituais de leitura e interpretação, nos deparamos com conhecimentos tácitos sobre o factível da realidade. Com impactos e desdobramentos distintos, nos acidentes de perspectivas ficam expostos as diferenças, as multiplicidades, paradoxos... Assim, diante de eventos que afetam a

percepção e impactam o olhar, faz-se necessário arriscar outros olhares e pensamentos, confrontando limites de nossa realidade, para enfrentar o imprevisto e o desconhecido.

Dentro desse horizonte reflexivo, as observações feitas convergem para formulação de uma hipótese de leitura: a manobra do olhar acarretada pela intervenção das artes, no geral, parece querer recuperar o risco da irregularidade, da imprevisibilidade, do acidente e de tudo mais que exponha as fragilidades dos limites impostos no mundo e o colapso iminente das normalidades. Pois, conforme já dito, na criação de acidentes de perspectivas que demandam novas envergaduras do olhar, as artes nos colocam em enfrentamento com os limites presumidos da realidade e fazem expandir a noção do que é possível. Essa reflexão acentua o trabalho das artes como produção de conhecimentos, exercitando modos de percepção e de abordagens para dar sentido ao que se vê.

A formulação dessa hipótese de leitura ilumina a inclinação do humano para experiência semiótica como modo de se relacionar no mundo e com ele. Ao apontar maneiras alternativas ver, pensar e interagir, diz-se que as expressões artísticas produzem e atualizam conhecimentos sobre o mundo. Tal colocação implica também reflexões acerca do que significa elaborar conhecimentos, acendendo a ideia de que o princípio do conhecimento é um gesto de estender, alargar, os horizontes de percepção, o que pressupõe possibilidades múltiplas de pontos de vistas. Eis o ganho com as experiências semiótica que ocasionam a abertura para outros regimes de sentido.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo: Duas cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Da imperfeição**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

RODRIGUES, Ricardo Alexandre. **A poética de Arthur Bispo do Rosario: compêndios de encantamentos do mundo**. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

ROSA, João Guimarães. **Ave, palavra**. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações de Lazer e Cultura, 2009.

TEIXEIRA, Lucia. Station Bourse: o que os olhos não viram. In: CORTINA, Arnaldo, MARCHEZAN, Renata (Orgs.). **Razões e sensibilidades: a semiótica em foco**. Araraquara: Laboratório Editorial/FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2004.

#### SOBRE O AUTOR:

Doutor em Poética pela UFRJ. Autor do livro “A poética de Arthur Bispo do Rosario: compêndios de encantamentos do mundo” (2014). Professor de literaturas. Atualmente cursa pós-graduação em Leitura e produção de texto, pela UFF.